

LEITURA: DIFICULDADES E IMPLICAÇÕES

Aluna: Elaine Fuzari Bernardo

Orientador: Ângelo Ricardo de Souza

Curitiba, fevereiro de 2010.

1 INTRODUÇÃO

Uma das preocupações de pedagogos e psicólogos está ligada à extensão das teorias e às perspectivas sobre a aprendizagem no âmbito da prática educativa. No caso dos temas relacionados à aprendizagem da leitura e da escrita, esta extensão está longe de ser alcançada.

Muitas são as dificuldades encontradas no que dizem respeito à leitura e suas dificuldades, tendo grande relevância, e inclusive as implicações relacionadas a ela. É necessário dar ênfase a esta importância considerando as idéias infantis sobre a leitura, simular leituras, preparar o que se deve ler, interpretar textos acompanhados de imagens, de indicadores textuais e da própria escrita, tudo devidamente acompanhado de estratégias de compreensão.

Cada professor, cada escola, cada assessor, deve também, construir suas idéias sobre a leitura como um processo pessoal e coletivo que vai se fazendo na reflexão crítica sobre a própria tarefa.

Proceder ao ensino da leitura, suas dificuldades e implicações podem contar com uma assessoria psicopedagógica com intencionalidade voltada para os alunos com dificuldade nesta aprendizagem, promovendo novos modos de agir e modelos educativos que envolvam todas as áreas disciplinares, começando sempre por sua relevância cognitiva e pelo seu caráter preventivo e fundamentador. É necessário e importante ler e escrever para aprender a gostar de ler.

Um olhar histórico sobre a temática revela uma trajetória de sucessivas mudanças conceituais e conseqüentemente, metodológicas.

Atualmente, estamos enfrentando mudanças, pesquisas tem identificado problemas nos processos e resultados da alfabetização das crianças no contexto escolar revelando novos conceitos para leitura, novos paradigmas para reflexão e tentativas de resolver as dificuldades desta aprendizagem. Isto justifica este trabalho.

A problemática atinge ricos e pobres, brancos e negros e todos os povos que estão nos bancos escolares, convocando profissionais ligados à educação e até mesmo a saúde a se preocuparem com a superação das dificuldades da leitura e suas implicações. É a partir da verificação destas dificuldades observadas em

educação, especificamente com a leitura, habilidade fundamental na vida dos seres humanos, que esse trabalho de pesquisa assume relevância ainda maior.

Lidar com as situações problemas encontradas na dificuldade de leitura que acontece no dia-a-dia, observando e estudando o concreto real, indicando estratégias, evidenciando estas dificuldades e principalmente provocando reflexões que possibilitem nesse quadro social são os principais objetivos deste trabalho.

2 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

Sabe-se que o processo da leitura não se esgota no ato de ler simplesmente, nem somente na decodificação da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que precede e procede a compreensão crítica do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura da palavra dá continuidade à leitura do mundo.

Leitura e realidade se prendem dinamicamente. A leitura crítica implica na percepção da relação entre o texto e o contexto, gerando compreensão.

Sua importância sempre foi um tema de preocupação de psicólogos e educadores. Os processos mentais subjacentes à leitura são complexos demais para serem estudados de forma simples. Existe atividade de leitura em todos os níveis educacionais e em todas as sociedades letradas.

O homem, na busca de sua existência, situa-se com outros seres humanos nos diferentes horizontes culturais, a leitura é uma necessidade concreta para a aquisição de significado. A intencionalidade educativa, ressalta a importância da leitura e da escrita, tendo a escolarização como função primordial nesta tarefa e em todos os níveis, se faz presente sua necessidade dependendo dela o êxito ou o fracasso.

Segundo Ezequiel Theodoro Silva:

O ato de Ler é uma necessidade concreta para a aquisição de significados e, conseqüentemente de experiência nas sociedades onde a escrita se faz presente. (SILVA. 2000, p.83).

Assim, o acesso aos bens culturais proporcionados pela educação, pode muitas vezes significar o acesso aos veículos onde esses bens se encontram registrados, entre eles, o livro.

Para Silva (2000, p.38), o livro é apenas uma forma de acesso aos bens culturais. Os processos de leitura utilizam-se de diferentes veículos de comunicação escrita para efeito e estudo crítico e pleno domínio.

A leitura, como instrumento de acesso à cultura e aquisição de experiência, apresenta:

Relação clara e patente, [...], requisitada e multi facetada, presente dentro de propostas que visam facilitar a aquisição de experiências, a leitura levanta-se como grande fonte de inquietação dentro do cenário educacional brasileiro. (SILVA. 2000, p.33).

A leitura é uma exigência que está presente nas disciplinas acadêmicas oferecidas pela escola e, por isso os professores são implícita ou explicitamente orientadores de leitura. Exige-se abordagens diferentes de leitura para chegar a atingir seu significado. Porém, a responsabilidade pela orientação da leitura é deixada somente aos alfabetizadores e professores de comunicação e expressão.

Paulo Freire (2001), afirma a necessidade de educadores e educandos se posicionarem criticamente ao vivenciarem a educação superando posturas ingênuas, negando de vez a pretensa neutralidade da educação, que deve ser vivenciada com a prática concreta de libertação e de construção da história.

Devemos, segundo o Autor, ser todos sujeitos solidários numa tarefa conjunta, único caminho para orientação de uma sociedade na qual não mais existirão exploradores e explorados, dominantes dando sua palavra opressora a dominados.

A temática da importância da leitura não apenas de texto mas do contexto, deve ser seriamente estudada, debatida, buscando entendê-la como ponto de vista científico e estético, mas também ético e político.

Em uma sociedade que ainda são excluídos dois terços da população, como a brasileira, impõem-se profundas mudanças para abater injustiças, pois a questão da leitura é grandemente relevante.

Neste sentido:

Vivemos em uma sociedade letrada que para chegar ao estágio em que está, passou por diferentes processos e vem, acelerando, adentrando o círculo das chamadas sociedades do conhecimento. No Brasil, os desafios relacionados à participação social, à educação permanente e pleno exercício da cidadania tem tudo a ver com as práticas da leitura. (Estudos, Silva (2000), v 25, nº 1 e 2, p.33jan/junho1998).

No Brasil a situação ainda é crítica. O conhecimento e a compreensão das contradições subjacentes à estrutura social brasileira tem tudo a ver com a leitura. Representa uma possibilidade de, pelas práticas de leitura, o sujeito desenvolver posicionamentos inteligentes e críticos diante do mundo. Precisa-se lutar de forma justa e democrática, que organize socialmente nosso país, atualizando e 'requalificando' questões e fatores que culminaram na exclusão de grande parte de nossa população.

A maior importância do ato de ler implica sempre em percepção crítica, interpretação e reescrita do lido, que implica em outra leitura, a leitura da realidade.

A ênfase está na comunicação e na intercâmbio, no uso de diferentes códigos a serviço da expressão ajustada ao contexto. A linguagem oral e a escrita, os sistemas de comunicação relacionam entre se, para expressar sentimentos, desenvolver sensibilidade, comunicar mensagens, representar, obter prazer, compartilhar significados, atribuir sentido e conhecer a realidade. Portanto:

Codificação-decodificação e problematização da situação permitirão aos educandos um esforço de compreensão do "vivido", até chegar a nível mais crítico do conhecimento de sua realidade (Curto, Morillo, Teixidó, 2003, p.63).

E ainda, "As atividades de leitura devem ser relevantes para a vida dos alunos, para ler de maneira compreensiva" (Condemarim, 1994).

É a primazia de conteúdos no seu confronto com as realidades sociais, valorizando experiências vividas, questionando-a como necessária. Os conteúdos de ensino devem ser assimilados e não somente ensinados e aprendidos. É preciso que se ligue de forma organizada e indissociável à sua significação humana, social e real.

É preciso privilegiar a aquisição do saber vinculado às realidades sociais e métodos que favoreçam a correspondência dos conteúdos com os interesses do aluno, possam, esforçando-se, compreender a realidades.(Libâneo,1985, p.40).

3 O ATO DE LER

Ler é uma atividade complexa de tratamento de várias informações por parte da inteligência. Um processo dinâmico de construção cognitiva, ligado a necessidade de atuar, no qual intervém também afetividade e relações sociais.

A leitura compreensiva vem ao final de uma série de passos cronológicos distintos. Um conjunto de mecanismos de percepção e de memória que identifica sons, combinações e memorizações adquiridas por deletar palavras isoladas. Assim:

A leitura não pode ser confundida com decodificação de sinais, com reprodução mecânica de informações ou com resposta convergentes a estímulos escritos pré-elaborados. Esta confusão nada mais faz do que decretar a morte do leitor, transformando-o em um consumidor passivo de mensagens não significativas e irrelevantes. (SILVA. 2000, p. 96).

Quando se fala em leitura, entendemos quase sempre o ato de decodificar textos escritos, mas a leitura compreende uma série de atos, na qual muitas vezes realizamos sem perceber, pois está relacionada com a nossa interação com o mundo.

Atualmente, todo indivíduo está inserido em um ambiente com diversos recursos gráficos antes mesmo da vida escolar, seja através de fotos, imagens escritas, ou outros tipos de representações (placas, outdoors, televisão, etiquetas de roupa...), não deixando então, a mercê da leitura e da escrita.

Segundo Villardi (1999, p.4), ler é construir uma concepção de mundo, e ser capaz de compreender o que nos chega por meio da leitura, analisando e posicionando-se criticamente frente às informações colhidas, o que constitui um dos atributos que permitem exercer, de forma mais abrangente e complexa, a própria cidadania.

Por outro lado, faz-se necessário pensar no profissional do ensino que tem a tarefa de ensinar a ler e a gostar de ler. Para formar leitores qualificados, devemos ter paixão pela leitura, devemos entendê-la como fonte de prazer e sabedoria.

De acordo com o artigo de Ana Maria Machado, publicado na revista Nova Escola de setembro de 2001, página 21, "ler é muito gostoso, é natural que as pessoas gostem", só falta que alguém desperte esse interesse. E, continua dizendo

na página 24, “basta dar uma chance para que isso aconteça”. Pois nenhuma prática pedagógica é neutra. Na escola, ler é ser ensinado a ler, em primeiro lugar letras e palavras isoladas, descontextualizadas, depois, textos fictícios escolares elaborados somente para ensinar a ler.

A leitura só é uma leitura compreensiva, quando é produto de uma intensa atividade de busca de sentido de um texto em situação de uso. Ler, portanto é uma atividade complexa de tratamento de várias informações por parte da inteligência, o leitor procura encontrar o sentido, coordenando e construir significados.

Ler de verdade, compreende situações reais em relação às necessidades e desejos, um conjunto de mecanismos de percepção e de memória, buscando codificar, decodificar e

compreender. O ato de ler pode ser definido como:

Um fato dinâmico em que o leitor entra em relação direta com o texto e tenta ‘mergulhar nele’ para encontrar o seu significado. Para isso, utiliza diversas pistas tais como desenhos, tipos de letras, tamanhos das letras, silueta dos textos, palavras conhecidas, entre outras. Em outras palavras, o ato de ler é construir um sentido entre o ler e o eu. (JOLIBERT. 1998, p. 48).

Ainda que a escola trabalhe conteúdos distintos, em variadas disciplinas, é necessário por meio da leitura e das letras, selecionar, entre muitas informações, aquelas que mais interessam aos alunos.

Sem ler não há como interpretar e compreender, é necessário fazer uma mediação entre a realidade dos alunos, realidade do mundo e o uso da língua. (Pellegrin, D. Nova Escola. Ler e Escrever, nº 145, set, 2001, p. 13).

Como ressalta, Jolibert (1998, p.48) o ato de ler é construir um sentido entre o ler e o eu. Pois, somente o desenvolvimento da capacidade de leitura no indivíduo (o eu), pode proporcionar compreensão do significado dessa aprendizagem, usando-os no dia-a-dia para entender as exigências da própria vida cotidiana nas sociedades em que estamos inseridos. Mesmo sabendo o valor da leitura, tanto para o conhecimento quanto para a observação dos aspectos de vida e da capacidade de comunicação com o mundo, diversas pessoas continuam não sendo leitores habituais.

A posição construtivista da aprendizagem considera o aprendiz com suas experiências, com sua carga afetiva e suas estruturas cognitivas, a qual constrói, de

forma ativa, suas próprias aprendizagens, apoiando-se na confrontação com seus pares, para resolver os conflitos cognitivos e, assim desenvolver suas competências e conhecimentos (VYGOTSKY. 1979, 1983). Nesse sentido o professor ocupa um papel de mediador e facilitador da aprendizagem.

A posição comunicativa da linguagem propõem a construção que a criança faz sobre a linguagem escrita como global, ou seja, constrói um objetivo que serve a comunicação. Neste contexto, aprender a ler e escrever deve sempre acontecer a propósito das atividades autênticas. Isto significa para a leitura: “Passar diretamente ao sentido do escrito, ou seja, ler dados diversos por necessidades diversas, informar-se, entreter-se, aprender, etc. Não se trata de significar que aprender a ler seja aprender letras.”

A posição textual da linguagem considera a linguagem escrita construída por textos e tipos de textos correspondentes a distintas situações de comunicação. Portanto, o texto não contém um sentido pré-existente, independente do leitor. Deste modo compreender um texto implica que o leitor formule hipóteses a partir de índices de diversos tipo e que elabore significados em função destes índices. Em conseqüência, não há uma maneira somente de ler um texto e pode-se conceber atividades de leituras múltiplas de um texto.

A verdade é que:

[...] A ciência cognitiva da leitura é praticamente desconhecida, pior, intencionalmente ignorada, na maior parte das universidades brasileiras. Estas se entrincheiraram em defesa ideológica de concepções atualmente refutadas. O próprio fato de professores universitários colocarem-se a favor de um modelo ideológico da leitura, vendo nesta uma prática social a examinar de um ponto de vista ideológico e não uma habilidade, é inconciliável com a abordagem científica. (MORAIS e KOLINSKY, Pátio, ano VII, nº 29, p. 17)

Hoje o paradigma científico que goza de maior consenso e respeito baseia-se na psicologia cognitiva, em que predominam duas vertentes: 1º - A que privilegia as explicações baseadas em modelos de processamento de informações; e 2º - A que busca explicações baseadas nas redes neurais.

A Concepção Piagetiana de neutralidade do domínio, que contribuiu para manter a ignorância generalizada a cerca da natureza das dislexias do desenvolvimento e dificuldades específicas da aquisição da leitura, não resiste às evidências sobre especificidade da linguagem escrita advindas de técnicas de

neuroimagem, como a ressonância magnética funcional. Nem por isto Piaget, deixa de ser considerado um dos pais da ciência cognitiva.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), cujas propostas apóiam-se essencialmente em noções de Emilia Ferreiro em sua explicação sobre a alfabetização através dos conceitos da concepção piagetiana sobre a psicogênese.

Mas, nos últimos 30 anos, sobre um novo paradigma cognitivo e com o apoio de inúmeras ciências, inclusive as não experimentais como a lingüística, foram produzidos importantes avanços e conhecimentos sobre a alfabetização.

Segundo, João Batista Araújo Oliveira:

O maior preditor de competência de leitura é o domínio do princípio alfabético que por sua vez, requer um razoável grau de consciência fonêmica. Quer se denomine isto condição, requisito ou pré-requisito, o que importa é que a criança possui estas competências e está em condições de se alfabetizar melhor. (OLIVEIRA. Pátio, ANO XVIII, nº 30, 2004, p. 60).

É preciso ler para descobrir, experimentar e criar, se conseguir fazer a criança sistematizar uma experiência positiva com a linguagem, estaremos promovendo o seu desenvolvimento como ser humano. Ler, é portanto, uma atividade cognitiva que processa informação, partilha a fala e a compreensão da fala pelo fato da informação processada ser de natureza lingüística. Assim, o ensino da leitura precisa apoiar-se ao mesmo tempo, em valores didáticos e pedagógicos.

Pedagógicos na medida em que é necessário que o professor pratique a ação e didático na medida em que é necessário que o professor socialize esta ação. Novas modalidades de ensino da leitura devem corresponder a uma nova didática, pois:

A ciência cognitiva da leitura é necessária para determinar quais são os processos da leitura, porque não temos acessos conscientes a eles. Ao lermos só tomamos consciência do resultado da leitura quando ocorre sua compreensão. (MORAIS e KOLINSKY. Pátio. ANO VIII, nº 29, p.13).

Isto leva a concluir que na realidade, a leitura procede por fixações oculares, que ativam as estruturas cerebrais. Portanto, um conjunto de processos mentais, automáticos e inconscientes.

Durante a aprendizagem, este sistema constrói progressivamente a base da decodificação grafofonológica, a qual é consciente, intencional e controlada.

4 LEITURA CORRETIVA E REMEDIAL

Embora seja toda comunidade humana dominada pela linguagem oral, só aproximadamente um terço da humanidade sabe ler e escrever. As dificuldades e razões pelas quais a maioria dessa população não sabe ler são: carências múltiplas derivadas da pobreza, vida rural, retardo mental, privação sensorial, problemas emocionais, deficiências de saúde, baixa escolaridade, metodologia de ensino inadequadas, inadaptação ao texto escolar, falta de capacitação de educadores, falta de políticas públicas, combinação de duas ou mais destas situações.

Para educar e reeducar estes estudantes com dificuldades de leitura, são necessárias estratégias fundamentadas em teorias, cuja seleção e combinação dependem da análise de diagnósticos apontados pela experiência do educador.

Dois programas podem ajudar na tarefa da eliminação dos problemas ligados à leitura, a leitura corretiva e a leitura remedial.

A leitura corretiva, são atividades remediais realizadas pelo educador, no recinto da sala de aula regular.

A leitura remedial é aquela proporcionada ao estudante individualmente ou em grupo, durante um período específico e sem a presença do restante da classe. Geralmente, estas atividades são executadas por um professor especialista, um educador ou um psicólogo educacional, através de estratégias com propostas que objetivam satisfazer os programas de leitura corretiva e remedial.

Estas estratégias se dividem em quatro grandes grupos, que são as estratégias de decodificação, as estratégias baseadas na integração inter-hemisférica, estratégias psicolingüística e as estratégias meta-cognitivas.

A metodologia e as técnicas devem ser orientadas continuamente e intensamente, seja individualmente ou em grupo, em um programa equilibrado que utilize o enfoque holístico/significativo como o analítico/fônico, apoiado no ensino direto.

Para que as dificuldades de leitura de um aluno seja superada, deve se levar em consideração suas necessidades e o programa elaborado por um educador hábil, organizado e que conheça os fatores que provoca estas dificuldades. Um desafio que vale a pena.

As crianças com necessidades educacionais especiais no âmbito da leitura, caracterizam-se pela dificuldade para aprender a ler. Apresentam lentidão e cansaço, razão pelo qual carecem da necessária automação para aprender o significado corretamente. Pois, quando a decodificação é muito demorada pela ação da memória, as palavras se esvanecem antes de se acoplar o significado. Pois:

Qualquer tentativa de identificar as letras individualmente enquanto se lêem as palavras ou de identificar quando o objetivo é a compreensão, inevitavelmente acarreta demora e alteração dos processos envolvidos. (SMITH. 1971, p.212).

Estes leitores deficientes apresentam dificuldades para estabelecer referencia cruzada entre os aspectos gráficos, ortográficos, sintáticos e fonológicos das palavras. Isto provoca alterações na aprendizagem normal dos componentes da leitura, tais como: habilidade de análise das palavras, decodificação das palavras completas, habilidade de compreensão, entre outras.

PINTO (1986), realizou um estudo sobre o estado inicial da leitura onde verificou a inaptidão para segmentar o aprendizado. Levou em consideração o nível sócio econômico e o tipo de escola, observando variáveis na discriminação de fonemas, de consoantes, a percepção e a memória.

LEONTIEV (1978), demonstrou que a automação da leitura só é possível depois que o leitor passa por uma etapa em que ler é uma atitude consciente que exige reprodução articulada dos sons. Esta dificuldade é apresentada por alunos de séries iniciais e também nos adultos. Dificuldade de compreensão por dislexia.

Os leitores deficientes caracterizam-se pela incapacidade de tornar explícita a estrutura das palavras faladas e escritas, dificuldade de consciência lingüística e de meta cognição.

A relação entre os traços fonêmicos, gráficos e articulatórios das palavras e sua distinção é facilitada por remediação feita através de canais sensoriais, ou seja, o visual e o auditivo. As principais estratégias de decodificação são:

- V.A.S. – Programa Visual Auditivo Sinestésico, que enfatiza a fala. Neste programa o educador mostra ao aluno o símbolo da letra impressa e pede em seguida que repita o nome. Aprendido o nome da letra, o educador emite o fonema e o aluno repete. As bases sinestésicas são estabelecidas quando a criança sente que seu aparelho fonoarticulador emite o som.

- V.S. – Visual Sinestésico (escrita), neste programa o educador escreve as letras no quadro negro e explica a forma, a orientação no espaço, a direção da linha e a altura. Em seguida a criança traça a letra sobre o modelo, imitando movimentos e a direção dos traços. Depois copia a letra, escreve de memória e por fim a reconhece de olhos fechados. Os exercícios dados pelo educador devem ser de estímulo/resposta:

- O educador mostra a letra – o aluno nomeia;
- O educador guia a mão da criança;
- O educador dita – o aluno escreve;
- O educador diz o nome da letra – o aluno diz o som;
- O educador diz o som da letra (fonema) – o aluno diz o nome.

Isto permite ao aluno a conversão do grafema para o fonema, o aprendizado da ortografia, nomear e escrever a letra a partir do seu som e reconhecer palavras, através do ensino das letras e o agrupamento dos sons. Também fazem parte destas atividades a soletração.

A soletração é importante por estabelecer uma variedade de associações que facilitam os processos de juntar os sons e escrevê-los. As unidades fonéticas são diferenciadas dentro do contexto dado pela palavra:

- a) repete a palavra completa;
- b) nomeia cada uma das letras que a compõem;
- c) escreve as palavras e nomeia cada letra;
- d) relê o que escreveu.

A soletração também estabelece dominação, seqüência as letras dentro das palavras e faz correspondência entre som e letra.

5 A PSICOPEDAGOGIA NOS DISTÚRBIOS E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM.

Os distúrbios específicos de aprendizagem são aqueles relacionados às incapacidades escolares de crianças que tenham iniciado a aprendizagem formal da leitura, da escrita e do raciocínio lógico matemático. Portanto, estão relacionados a uma falha no processo de aquisição e desenvolvimento dessas atividades.

A percepção das palavras, envolve no mínimo dois sistemas: visual e auditivo. Na leitura oral, as informações são recebidas tanto pelos órgãos de audição (via auditiva) como pelos visuais.

Os olhos visualizam as palavras impressas que estão articuladas ao som captado pelas vias auditivas.

Dislexia – A partir do séc XIX, passou a se dar mais atenção às crianças com problemas de leitura e que não apresentam fracassos nas demais disciplinas escolares.

As designações mais comuns dadas à dislexia são:

- Cegueira verbal congênita
- Strephosymbolia (símbolos distraídos)
- Dislexia genética
- Distúrbios psiconeurológicos
- Dislexia específica de evolução

Dislexia é um termo que se refere à crianças que apresentam dificuldades de leitura e conseqüentemente de escrita. Pode estar associada a: distúrbios de memória, distúrbios de memória para sequenciar, orientação esquerda/direita, orientação temporal, imagem corporal, escrita, escrita e soletração, distúrbios topográficos, distúrbios de padrão motor.

Classificação: Dislexia auditiva – dificuldades em distinguir semelhanças e diferenças entre sons, em perceber sons no meio das palavras, memória e seqüência auditiva.

Dislexia visual – dificuldades em diferenciar, interpretar e recordar palavras vistas visualmente, estas crianças têm severas dificuldades em memória seqüência, em perceber rapidamente palavras e em respeitar seqüências viso-espaciais.

O ato de ler envolve inúmeras associações entre símbolos auditivos, símbolos visuais e significados. Esta atividade que se automatiza rapidamente, na verdade, é uma das mais difíceis realizadas pelos seres humanos por envolver processos lingüísticos, anatômicos e neuropsicológicos altamente complexos. Para ler oralmente, precisamos discriminar e processar visualmente os símbolos gráficos, por meio do processo de decodificação; depois temos de selecionar e identificar os equivalentes auditivos por um processo de análise e transformação, síntese e comparação. Assim, a leitura pode ser definida como:

[...] o resultado da interação de diferentes vias neurais e, portanto, depende de estruturas corticais integras. Assim o difícil ato de ler, requer vários processos neurológicos, psicológicos e sócio-ambientais para ser efetivo e, alteração em alguns desses aspectos podem gerar prejuízos no processo de desenvolvimento e aquisição da capacidade de ler. (FONSECA *apud* CIASCA. 2003, p.56).

O processo de aquisição da leitura é individual, variável, dependendo da idade, maturação, e de experiências culturais de motivação e integridade do Sistema Nervoso Central (SNC) e Periférico (SNP), e de todo desenvolvimento global.

As causas para as dificuldades de leitura são diversas e podem ser caracterizadas por déficits visuais e/ou auditivos, dificuldades na fala e linguagem, fatores emocionais, familiares e sociais, atitudes pouco estimulantes de professores, inadequação de programas escolares, entre outros. No entanto, as crianças com distúrbio de leitura geralmente não apresentam nenhuma destas causas, uma vez que inúmeros pesquisadores concordam que este distúrbio está relacionado a um nível normal de inteligência, ausência de déficits sensorial e outros comprometimentos físicos e/ou emocionais significativos.

A dislexia compreende a dificuldade de aprendizagem da leitura, independente de instrução convencional e de outros fatores citados mas dependente de dificuldades cognitivas que são de origem constitucional e funcional.

O Manual Diagnóstico e Estatísticos de Transtornos Mentais (DSM), (APA, 1994) refere-se aos distúrbios de leitura como:

O rendimento da leitura, medido por testes padronizados, administrados individualmente, de correção ou compreensão da leitura, esta acentuadamente abaixo do nível esperado, considerando a idade cronológica, a inteligência medida e a escolaridade apropriada à idade de cada indivíduo. A perturbação nesse critério interfere significativamente no rendimento escolar ou atividade da vida diária que exigem habilidades de leitura. A criança deve estar isenta de distúrbios sensoriais ou neurológicos. (p. 47)

As tentativas de definir e explicar a etiologia da dislexia foram inúmeras nas últimas décadas, sendo que as principais são as que explicam a dificuldade como: fator relacionado à herança, fator relacionado a lateralização cerebral, referindo-se ao fato de que um atraso no desenvolvimento no hemisfério esquerdo durante o período embrionário, afeta especialmente áreas relacionadas a fala e a linguagem e fator relacionado ao comportamento social diferente entre meninos e meninas.

Tipos de dislexias:

- Dislexia disfonética ou fonológica – Caracterizada por uma dificuldade de leitura oral de palavras pouco familiares. A dificuldade encontra-se na conversação letra-som. Normalmente associada a uma disfunção do lóbulo temporal.

- Dislexia diseidética – É uma dificuldade na leitura caracterizada por um problema de ordem visual, ou seja, o processo visual é deficiente. Este leitor lê por meio de um processo elaborado de análise e síntese fonética que esta associada a disfunções do lóbulo occipital.

- Dislexia mista – Caracterizada por leitores que apresentam problema dos dois subtipos disfonéticos e diseidéticos, sendo associadas as disfunções dos lobulos pré-frontal, frontal, occipital e temporal.

Disgrafia – A produção gráfica também é fruto da elaboração mental. Disgrafia é definida como uma deficiência na qualidade do traçado gráfico. Alterações de ortografia e caligrafia em crianças com transtornos específicos de escrita. O transtorno da expressão da escrita consiste na habilidade de escrita abaixo do nível esperado para a idade cronológica, inteligência e escolaridade. Pode estar associado a um transtorno de leitura que geralmente compromete a ortografia ou a caligrafia.

Na leitura especializada, a terminologia mais comumente utilizada para os transtornos da expressão da escrita é a disgrafia que geralmente produz alterações na caligrafia. Entretanto, considerando a disortografia, ou seja, a alteração na organização, planificação, sequenciamento da linguagem escrita como parte de um quadro de disgrafia. ROURKE (1995), considerou que a disgrafia pode-se manifestar em três subtipos:

- Disgrafia baseada na linguagem.
- Disgrafia de execução motora.
- Disgrafia visuoespacial.

Estas crianças apresentam dificuldades para escrever misturam letras maiúsculas e minúsculas na palavra ou uso de letra de forma cursiva, tem um traçado de letra ininteligível, também incompleto e dificuldade para realizar cópia com falta de respeito à margem do caderno.

Discalculia – Dificuldades específicas com matemática, mas não se relaciona com a ausência básica de contagem e sim, com a capacidade da criança em relacionar estas habilidades com o mundo. Quando a criança não possui conhecimento lingüístico e conceitual para entender o enunciado do problema

significa que pode haver habilidades de linguagem comprometidas que prejudicam o entendimento, o planejamento e a execução de procedimentos para resolução do problema. Sendo assim, a dificuldade da criança não se encontra em habilidades básicas de contagem, e sim na compreensão da leitura que pode estar associado a alterações de linguagem/aprendizagem.

É evidente que os problemas de linguagem interferem no problema de aprendizagem da leitura e da escrita, por transtornos relativos aos distúrbios específicos de leitura que são decorrentes de alterações em componentes de linguagem.

A competência lingüística envolve a interação de muitas habilidades. Sendo assim a forma de linguagem deve ir se moldando com o desenvolvimento das habilidades fonológicas de maneira sistemática, quando a criança tenta produzir o padrão fonológico adulto e pode ou não ter necessidade de simplificá-lo em virtude de sua imaturidade física.

O conhecimento das regras gramaticais permite ao falante produzir elocuições gramaticais sem esforço e o conteúdo da linguagem pode ser expresso:

O sentido é a ponte entre o pensamento e as experiências de indivíduos e as seqüências de sons que eles produzem para simbolizar estes pensamentos e experiências. As palavras simbolizam conceitos, e os conceitos representam experiência ou a realidade. (HUBBELL apud CIASCA. 2003, p.117).

Contudo, é esperado que a criança desenvolva todas as habilidades necessárias para a formação de sua competência lingüística, sem esforço aparente, também sinais de distúrbio de linguagem podem aparecer ao longo do tempo e revelar futuras incapacidades desenvolvimentais e/ou cognitivas.

A investigação sobre a importância da consciência lingüística para a aprendizagem da leitura tem mostrado que o sucesso de quem aprende, sejam crianças ou adultos, se relacionam com o seu grau de consciência da estrutura subjacentes às palavras. Os maus leitores são, geralmente, incapazes de decompor as palavras nos seus constituintes fonológicos, podendo ter ainda outros déficits deste tipo. (CIASCA. 2003, p.125).

A psicopedagogia após a identificação e a definição dos problemas, distúrbios ou dificuldades que afetam a criança pode definir objetivamente procedimentos estratégicos que ajudem a superar estas dificuldades, com ajuda interdisciplinar do educador, dos familiares do meio e do próprio indivíduo. Uma

intervenção multidisciplinar deve estar em sintonia para realmente solucionar com eficácia a problemática da leitura suas dificuldades e implicações.

Os distúrbios de aprendizagem são recentes, especialmente no Brasil. A alfabetização, no Brasil, somente em 1980 iniciaram uma polêmica acirrada, que coloca o processo de escrever como, sendo fruto de um treinamento de determinadas habilidades básicas ou pré-requisitos, de outro lado como sendo fruto do desenvolvimento cognitivo.

No entanto, as habilidades nas quais os mais leitores apresentam dificuldades nem sempre são as mesmas.

Para sanar estas dificuldades elaboram programas de estimulação e, como sucesso da aprendizagem de leitura e escrita dependam de habilidades envolvidas. Nesse caso a criança é preparada através de uma série de exercícios, para os atos de ler e escrever.

A teoria defende o processo de aprender como fruto do desenvolvimento cognitivo e teve sua origem nos trabalhos de Piaget e, culminou com as investigações acerca do processo de alfabetização realizada por Emília Ferreiro e Ana Taberovsky.

A psicologia genética, ou o construtivismo, revolucionou o conceito original do conhecimento e com ele a concepção da criança.

Para aprender a criança necessita interagir com o meio ambiente social e, que é decorrente dessa interação que a criança constrói as estruturas cognitivas que lhe permitem conhecer e reorganizar o mundo, passando a ser concluída como ser ativo pensante. (FREITAS, G. 1990, p.125).

Tendo como pressuposto que a informação é o alimento que permite à criança a elaboração do conhecimento (FERREIRO, 1987). Esta estrutura de conhecimento é construída e reorganizada em estágios sucessivos até chegar a forma refinada de conhecimento. Através da escrita espontânea, pode passar por quatro estágios psicogenéticos em relação à concepção da linguagem escrita.

1º Estágio – Pré Silábico – Ainda não representa a fala, pois não descobriu a escrita. Quando solicitada a escrever seu nome ou o de qualquer objeto, caracteriza-se por um conjunto de linhas onduladas ou quebradiças, ou por um conjunto de elementos repetidos. Depois, a criança preocupa-se com o número mínimo de três letras para escrever uma palavra.

Exemplo:

EIC AEN

(pato) (cavalo)

Ainda existe a criança que pode desenhar quando solicitada uma palavra.

2º Estágio – encontram-se a maioria das crianças que ingressam na alfabetização. Consciência das propriedades sonoras das palavras. Esta é a fase silábica.

Exemplo:

CVL CNA

(cavalo) (caneta)

A hipótese para escrever uma palavra deve ter no mínimo três letras.

Esta etapa é chamada Silábica Alfabética, considerada entre a fase anterior (silábica) e a próxima (alfabética). Neste terceiro Estágio, é o fato da escrita apresentar ao mesmo tempo sons e as sílabas.

Exemplo:

BONCA SLADA

(boneca) (salada)

O quarto e último Estágio, a criança já concebe a palavra constituída por sons e, para representá-la, há a necessidade de se atribuir uma letra a cada som. É a fase Alfabética.

Exemplo:

MEZA CAVALO DIRETOR

Neste momento, a criança, já está alfabetizada, porque construiu a hipótese alfabética onde cada som é representado por uma letra. A partir de então, as dificuldades referem-se a ortografia. Em relação às críticas de que o treinamento é uma forma mecânica de perceber a leitura e escrita, julgam-nas, vazias, sem qualquer consciência teórica. Só decifra e não interpreta.

Acredito, que independente da forma que se escolhe para proporcionar acesso da criança ao domínio da leitura e da escrita, o importante é que a primeira experiência escolar seja sem medo e que a criança descubra o prazer de aprender. (MORAIS, 1997, p.78).

Ambiente Familiar e Distúrbio de Aprendizagem — Tem-se comprovado que as crianças que provêm de ambientes letrados têm mais facilidade em aprender a ler

e escrever. A motivação para ler que os pais transmitem aos filhos, é muito importante. Se no ambiente familiar existem revistas e livros, adultos que lêem e discutem o conteúdo com as crianças e lêem para eles ouvirem, elas terão mais probabilidade de se desenvolverem. Assim, “é certo que, bem antes de chegar à escola, o sucesso escolar é largamente construído pela maneira de viver em casa” (CHARMEUX, 1995, p.115).

Outro fator importante é a participação dos pais na vida escolar do filho e na parceria desenvolvida entre o professor.

- Distúrbios de aprendizagem que a criança ocupa entre os irmãos é outro fator importante, pois segundo este raciocínio, os pais dão mais atenção ao primeiro filho do que aos outros.

- Fracasso Escolar e Delinqüência Juvenil — não se submetem a regras escolares ou sociais.

- Dificuldades de Leitura e de Matemática. — se não sabem ler, não conseguem interpretar e resolver a problemática.

Recomenda-se que para resolver dificuldades ou distúrbios, deve ser feito um diagnóstico pelo psicopedagogo que avaliam habilidades perceptivas, motoras, lingüísticas e cognitivas, envolvidas nos processos de leitura por fatores emocionais e dos próprios atos de ler e escrever.

Outro fator importante, é a participação dos pais na vida escolar do filho e na parceria desenvolvida entre o professor.

Não repetiremos suficientemente jamais que sem uma estreita colaboração entre professores e pais as aprendizagens não se darão facilmente para todos. Somos partes complementares do sistema educativo, e essas partes não devem ser divergentes, conflitantes ou ficar isoladas, como é freqüentemente o caso. Mas colaboração não quer dizer repetição: os pais não têm que considerar repetidores do trabalho escolar. A relação que os une à escola não é nem de concorrência, nem de dependência. É uma relação de complementaridade, na qual cada um tem a sua especificidade: assim como o professor não tem de substituir os pais, nem desempenhar o seu papel, os pais não têm de dar a sua aula em casa. Sua tarefa é, portanto, essencial e insubstituível. (CHARMEUX. 1995, p.114)

Papel do Professor

- Desempenha papel importante na educação;
- Cabe a ele reconhecer os distúrbios que a criança apresenta;
- Colaborar com o psicopedagogo na intervenção;
- Além destes, o professor deve respeitar as dificuldades da criança;
- Valorizar a auto-estima do aluno através de estimulação;
- Desenvolver auto-confiança através de motivação;
- Exigir do aluno tarefas que ele possa cumprir.

Esta forma de trabalho conjunta, envolve , professor e psicopedagogo, e levará o aluno, a sensação e a certeza de conseguir superar o obstáculo.

6 CONCLUSÃO

Conclui-se que no contexto social-econômico, político e cultural é impossível o aluno com dificuldades em leitura inserir-se neste mundo como cidadão.

Faz-se necessário que o leitor não seja somente um decodificador de palavras, mas um interpretador, não somente um leitor do mundo, mas um sujeito ativo que participe, atue e se encontre por meio desta leitura. Ainda é necessário promover profundas mudanças nas praticas escolares, nos livros didáticos, na formação de educadores, nos currículos e principalmente na vontade destes agentes em mudar esta realidade, provocando transformações sociais que tornem o aluno não só humano, mas cidadão.

Felizmente surgem novos modos de compreender, novas maneiras de ensinar e aprender, através de objetivos planejados que direcionaram ações estratégicas que buscam “instrumentos” para solucionar a problemática sugerida pela temática “Leitura: Dificuldades e Implicações”.

7 REFERÊNCIAS

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 2000.

CAVALCANTI, Zélia. **Alfabetizando**. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CIASCA, Sylvia Maria. **Distúrbios de Aprendizagem: proposta de avaliação interdisciplinar**. 1 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

CONDEMARIN, Mabel. **Leitura Corretiva e Remedial**. trad. Jonas Pereira do Santos. Campinas: PSY II, 1994.

CURTO, Lluís Maruny; MORILLO, Maribel Ministrál; TEIXIDÒ, Manuel Miralles. **Ler e Escrever: Como as Crianças Aprendem e Como o Professor pode Ensiná-las a Escrever e a Ler**. Vol.1, Porto Alegre: Artmed, 2000.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre a Alfabetização**. Trad. Horácio Gonzáles. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1985.

FOUCAMBERT, J. **A leitura em Questão**. São Paulo, 1994.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 41 ed. São Paulo: Cortez, 2001

FREITAS, B. **Alfabetização e Psicogênese**. CAD. Pesq., São Paulo, nº 72, p.29-28, fev. 1990.

JOLIBERT, JOSETTE. **Aprender a Formar Crianças Leitoras e Escritoras**. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

KLEIMAN, A. **O Ensino e a formação do Professor – Alfabetização de jovens e adultos**, 1996.

LIBÂNEO, J.C. **Democratização da Escola Pública**. 15 ed. São Paulo: Loyola, 1995.

MACHADO, Ana Maria. **A Literatura deve dar Prazer**. Setembro de 2001.

NOVA ESCOLA. MORAIS, A. M. Pamploma. **Distúrbios de Aprendizagem**. Uma nova abordagem psicopedagógica. São Paulo: Edicon, 1997.

PÁTIO. MORAIS, José. e KOLINSKY, Regine. **A Ciência Cognitiva da Leitura**. ANO VII, nº29, Fev/Abr, 2004. CIDADE,

PÁTIO. OLIVEIRA, João Batista Araújo e. **Didática da Leitura e da Escrita: uma réplica ao artigo de Telma Weisz**. ANO VIII, nº30, Mai/Jul, 2004. CIDADE,

PCNs. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Secretária da Educação e Cultura. Ministério da Educação e do Desporto, 1999.

PISA(2000) Programa de Avaliação de Estudantes. **Conhecimentos e atitudes para a vida**.

PELLEGRIN, D. **Ler e Escrever**. Nova Escola nº145, p.13, set/2001.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **O Ato de Ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Estudos**. Linguagem Oral e Escrita. v.25, nº 1 e 2 – jan/jun. 1998.

STELLA, Florindo. **Atividade Hemisférica Cerebral**. Aspectos Neuropsicológicos. rev. Paulista de Psicologia e Educação. São Paulo: Unesp, 1998.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a Gostar de Ler: e formando leitores para a vida inteira**. 1 ed. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya, 1999.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Trad. Jéferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia Clínica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.